

**Zimbrão da Silva, Teresinha V.**

*Literatura e mística : Guimarães Rosa*

V Jornadas Diálogos: Literatura, Estética y Teología, 2013  
Facultad de Filosofía y Letras - UCA

Este documento está disponible en la Biblioteca Digital de la Universidad Católica Argentina, repositorio institucional desarrollado por la Biblioteca Central "San Benito Abad". Su objetivo es difundir y preservar la producción intelectual de la Institución.

La Biblioteca posee la autorización del autor para su divulgación en línea.

Cómo citar el documento:

Zimbrão da Silva, Teresinha V. "Literatura e mística : Guimarães Rosa" [en línea]. Jornadas Diálogos : Literatura, Estética y Teología. La libertad del Espíritu, V, 17-19 septiembre 2013. Universidad Católica Argentina. Facultad de Filosofía y Letras, Buenos Aires. Disponible en:  
<http://bibliotecadigital.uca.edu.ar/repositorio/ponencias/literatura-mistica-rosa.pdf> [Fecha de consulta: ....]

## Literatura e Mística: Guimarães Rosa

Teresinha V. Zimbrão da Silva \*

*A linguagem poética, livre e paradoxal, pode melhor servir para expressar a relação com o mistério, e nesse sentido pode ser extremamente interessante para a experiência mística. Há todo um desenvolvimento da teologia espiritual ou de espiritualidade feito a partir de textos poéticos, sejam eles de conteúdo religioso definido ou não.*  
( MANZATTO, 2011, p. 94)

### 1. Introdução

Nesse trabalho, dialogaremos com três áreas de conhecimento, Literatura, Religião e Filosofia. Trata-se de divulgar aqui parte de uma pesquisa que tem o objetivo de estudar o aspecto místico da obra de Guimarães Rosa (1908-1967). Note-se que estamos considerando a palavra mística no seu sentido amplo de estudo e/ou vivência das coisas relativas ao espírito. A nossa proposta, portanto, é interdisciplinar e, no presente caso, pretendemos analisar o conto do autor, intitulado, A Terceira Margem do Rio, do livro *Primeiras Estórias* (1962). Partiremos da definição do próprio Rosa de que os rios são profundos como as almas dos homens e, considerando a influência confessa de Platão sobre a sua obra, pretendemos estabelecer relações entre as idéias platônicas defendidas no Mito da Caverna, capítulo da *República*, e as idéias rosianas expostas no conto.

### 2. Guimarães Rosa

*Sou místico, pelo menos acho que sou.*  
(ROSA, 2009a, p. 43)

É enorme a profundidade com a qual a problemática humana é abordada na obra de Guimarães Rosa, mesmo quando o elemento místico aí não está presente explicitamente, o que se constitui, contudo, como caso raro, pois em Rosa o diálogo entre literatura e mística é, sobretudo, explícito. Afinal, é o próprio escritor quem confessa ser místico, e sobre a sua vida e obra ainda segreda:

---

\* Professora de Literatura Brasileira da Graduação e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora (Mestrado e Doutorado em Estudos Literários), Minas Gerais, Brasil..

Tenho de segredar que – embora por formação ou índole oponha escrúpulos crítico a fenômenos paranormais e em princípio rechace a experimentação metapsíquica – minha vida sempre se teceu de sutil gênero de fatos. Sonhos premonitórios, telepatia, intuições, séries encadeadas fortuitas, toda a sorte de avisos e pressentimentos. [...] No plano da arte e criação – já de si em boa parte subliminar ou supraconsciente, entremeando-se nos bojos do mistério e equivalente às vezes quase à reza – decerto se propõem mais essas manifestações. Talvez seja correto eu confessar como tem sido que as estórias que apanho diferem entre si no modo de surgir. À Burity (NOITES DO SERTÃO), por exemplo, quase inteira, “assisti”, em 1948, num sonho duas noites repetido. Conversa de Bois (SAGARANA), recebi-a, em amanhecer de sábado [...]. A Terceira Margem do Rio (PRIMEIRAS ESTÓRIAS) veio-me, na rua, em inspiração pronta e brusca, tão “de fora”, que instintivamente levantei as mãos para “pegá-la”, como se fosse uma bola vinda ao gol e eu o goleiro. Campo Geral (MANUELZÃO E MIGUILIM) foi caindo já feita no papel, quando eu brincava com a máquina [...]. Quanto ao GRANDE SERTÃO VEREDAS, forte coisa e comprida demais seria tentar fazer crer como foi ditado, sustentado e protegido – por forças ou correntes muito estranhas. (ROSA, 2009b, p. 658-659).

Guimarães Rosa compara a criação artística à reza, sujeita, portanto, ao mistério e às suas manifestações, tal como se deu com a sua própria obra, mencionando inclusive o conto que iremos trabalhar aqui: A Terceira Margem do Rio. O escritor também vai se confessar um anti-intelectualista, privilegiando a intuição no seu processo de criação:

Como eu, os meus livros, em essência, são ‘anti-intelectualistas’ – defendem o altíssimo primado da intuição, da inspiração, sobre o bruxulear presunçoso da inteligência reflexiva, da razão, a megera cartesiana. Quero ficar com os Vedas e Upanixades, com os Evangelistas e S. Paulo, com Platão, com Plotino, com Bergson, com Berdiroff – com Cristo principalmente. Por isso mesmo, como apreço de essência e acentuação, assim gostaria de considerá-los: a) cenário e realidade sertaneja: 1 ponto; b) enredo: 2 pontos; c) poesia: 3 pontos d) valor metafísico religioso: 4 pontos. (ROSA, 2003, p. 90-91)

De fato, o diálogo entre literatura e mística em Rosa é, sobretudo, explícito. O próprio escritor acentua o valor metafísico religioso da sua obra e as influências espirituais e filosóficas que recebeu, incluindo Platão que trabalharemos aqui. A importância da temática espiritual na obra de Rosa também é sublinhada por Suzi Sperber que estudou a biblioteca do escritor:

Desses 2000 livros, ao redor de 200 podem ser chamados livros espirituais. O próprio Guimarães Rosa disse a Eduardo Bizzarri que os temas espirituais lhe eram os mais importantes, o que fica amplamente confirmado pela existência de uma pasta preparada para publicação sob o rótulo “Revivência”, contendo apenas textos espirituais. (SPERBER, 1977, p. 17)

Essa influência é, portanto, um fato. Pois neste trabalho, como mencionamos, pretendemos estabelecer relações entre as idéias platônicas defendidas no Mito da Caverna e as

idéias rosianas expostas no conto, A Terceira Margem do Rio. Sperber também estudou a influência de Platão na obra de Rosa e a respeito afirma:

Em diversas críticas e ensaios foram apontadas analogias entre a obra de João Guimarães Rosa e o pensamento de Platão. [...] Nossa pesquisa confirmou estas hipóteses e teses [...]. Ele próprio [Rosa] já havia confirmado, repetidamente, a importância que para ele tivera a leitura dos textos platônicos. [...] Os principais conceitos platônicos assinalados por Rosa, aparentemente referem-se ao mito da caverna, [...] e a crença na alma antes do nascimento e depois da morte. (SPERBER, 1977, p. 65)

Portanto, a influência platônica é também um fato. Mas antes de analisarmos propriamente o conto, algumas considerações se fazem necessárias.

### 3. Platão e a Caverna

*Quero ficar [...] com Platão.*  
(ROSA, 2003, p. 90-91)

*Queria apenas os arquétipos, platonizava.*  
(ROSA, s/d, p. 24)

Para diversas culturas pré-modernas, o programa principal do entardecer humano deveria ser a preparação para “olhar a morte” de perto. Tentar dar as costas à morte, e fixar o olhar para trás, tentando prolongar o passado, seria privar a tarde da vida de seu objetivo principal, que é seguir em frente, conscientemente, com os olhos fixos no mistério da velhice, da morte e da eternidade. O velho, que não aprende a dar adeus à vida, fracassa tanto quanto o jovem, que foi incapaz de a construir. Ao nascer do sol, segue-se o por do sol. Seria uma grande ilusão pensar que a lei da manhã poderia ser prolongada até à tarde indefinidamente.

No pensamento platônico, este prolongamento ilusório corresponderia a permanecer dentro de sombria prisão, ignorando a luz, tomando sombras por realidade, sem conseguir pressentir a existência iluminada fora da prisão. Para Platão, o mundo onde o homem de início vive é um mundo de simulacros, de aparências e de ilusões; além deste mundo, existiria um outro, fonte de toda luz e realidade, que é o mundo das idéias, dos modelos e das essências. Caberia ao homem pressentir a luz além das sombras e se preparar para ascender do mundo inferior para o superior.

Para exemplificar seu pensamento, Platão nos conta o Mito da Caverna (PLATÃO, s/d). Dentro de uma caverna vivem homens desde a infância. A luz que ilumina os subterrâneos desta

provém de um fogo que arde por trás deles, sem que estes possam vê-lo, pois se encontram acorrentados e imobilizados. As sombras que vêm projetadas na parede à sua frente é o que tomam por realidade. Caso, libertos das correntes, estes homens poderiam galgar a difícil subida, até alcançar a saída da caverna. Habitados às sombras, teriam os seus olhos, de início, ofuscados por tanta luz, mas, aos poucos, estariam em condições de olhar o mundo real, fora da caverna, e por fim, o próprio sol, fonte de toda luz e realidade.

Notemos que em Platão, temos a imagem do homem que sai da caverna para encontrar o sol e se iluminar. Em uma determinada etapa da vida, torna-se primordial, para o homem, para a sua aceitação do mistério da vida e da morte, que este pressinta a existência do sol e se prepare para o encontrar. Caso contrário, morrerá tendo vivido uma ilusão, acorrentado a um mundo de aparências, preso, no interior sombrio de uma caverna, desde a manhã até o entardecer, quando lá fora, diante do sol platônico poderia alcançar a iluminação.

#### 4. A Terceira Margem do Rio

*Amo os grandes rios,  
pois são profundos como as almas dos homens.  
(ROSA, 2009, p. 37)*

Um rio tem duas margens, mas o do conto roseano tem três. A princípio podemos considerar que duas dessas margens são concretas, terrenas, conhecidas, e que uma é abstrata, desconhecida. Também podemos considerar que em diversas culturas o rio simboliza o mistério da existência do homem: estamos do lado de cá, por meio da morte, atravessamos o rio para chegar do lado de lá, sendo que este lado de lá não é a outra margem do rio, concreta, e sim o além. No texto em estudo, a terceira margem parece simbolizar um meio termo, nem cá, nem lá, antes sim um possível caminho para se ir de cá para lá .

A estória é narrada em primeira pessoa. Um filho nos conta sobre o seu pai: “homem cumpridor, ordeiro, positivo, e sido assim desde mocinho e menino” (ROSA, s/d, p. 32), nem mais alegre nem mais triste do que os outros, só quieto, sempre consigo mesmo. Era a mãe quem administrava o cotidiano familiar. Moravam todos em uma fazenda, a casa bem próxima a um rio “grande, fundo, calado” (ROSA, s/d, p. 32).

Mas eis que um dia, o “pai mandou fazer para si uma canoa” (ROSA, s/d, p. 32). Era uma canoa pequena, “como para caber justo o remador” (ROSA, s/d, p. 32), porém resistente, própria para “durar na água por uns vinte ou trinta anos” (ROSA, s/d, p. 32), tempo que se passará no

conto. Então o pai, que já era quieto, decidiu um adeus à família e foi viver mais quieto ainda, “dentro da canoa, para dela não saltar, nunca mais” (ROSA, s/d, p. 32) - e a estranhice da coisa, sempre remando no meio do rio, sem se aproximar das margens.

Em entrevista, Guimarães Rosa nos conta: “amo os grandes rios, pois são profundos como a alma do homem” (ROSA, 2009a, p. XLI). No seu entender, portanto, rio e alma se correspondem. Ora, no texto em estudo, um homem, na segunda metade da vida, decide abandonar tudo o que já construiu: família, trabalho, amigos para ir viver sozinho numa canoa dentro de um grande rio. Notemos que a decisão deste homem simboliza o seu desejo de, tendo já cumprido o programa da primeira metade da vida, dar início a um outro programa: o de se interiorizar para conhecer as profundezas da sua alma, o de ascender do mundo das sombras da caverna para um mundo além.

Contudo, nem família, nem amigos foram capazes de lhe entender este outro programa. Clamaram-lhe “o dever de desistir da estranha teima” (ROSA, s/d, p. 34), lembrando-lhe as muitas responsabilidades da vida em terra que estava abandonando. Tentaram tudo para demovê-lo: padre, polícia, jornal. Em vão, porque ele “passava ao largo (...) diluso, cruzando na canoa, sem deixar ninguém se chegar à pega ou à fala” (ROSA, s/d, p. 34).

Lembremos que diluso é um neologismo formado por dis, negação, e lusus do verbo ludere, iludir. O pai é, portanto, um não-iludido pelo mundo de aparências. Pressentiu além um outro mundo, deu então às costas ao já conhecido lado de cá e iniciou sua travessia para o desconhecido lado de lá. Quis olhar a morte de perto, renunciou aos apegos do mundo material para se interiorizar e conhecer a si mesmo, abandonou as sombras da caverna à procura de iluminação.

Com o passar do tempo, a irmã, o irmão e a mãe deram prosseguimento às suas respectivas vidas e se mudaram para longe da fazenda, permanecendo somente o filho-narrador próximo ao pai. Ele nos conta então: “Eu fiquei aqui, de resto. Eu nunca podia querer me casar. (...) Nosso pai carecia de mim, eu sei” (ROSA, s/d, p. 35). Notemos que o filho não conseguiu cumprir a ordem da primeira metade da vida. Não se libertou do pai, não se tornou ele mesmo um pai, não construiu para si uma vida. Tanto se identificou com a imagem paterna - “eu ia ficando mais parecido com nosso pai” (ROSA, s/d, p. 35) - que deste não conseguiu se distinguir como um indivíduo com destino próprio.

Como narrador do conto, usa sempre o possessivo plural, nosso pai, nossa mãe, tio nosso, aparentados nossos, que marcam o peso dos laços de família na sua vida e revelam a não

consciência da própria individualidade. Consciência que o pai desenvolveu e que se manifesta antes de tudo na encomenda da canoa de um só assento. Mas o filho não a desenvolveu, e permitiu que sua vida corresse à margem da do pai, imobilizado pelo peso de laços filiais, que com o passar do tempo transformaram-se em correntes, prisão da qual não conseguiu se libertar.

Na mesma entrevista, Rosa também nos conta que ama ainda mais uma coisa de nossos grandes rios: “sua eternidade” (ROSA, 2009a, p. XLI). A eternidade do rio contrasta com a solidão do homem que o atravessa numa canoa de um único assento. A travessia é solitária porque a morte é solitária. Mas o rio é eterno, ao morrer um ocupante da canoa, um outro toma o seu lugar. No conto, o filho, identificando o seu destino ao do pai, e sofrendo já, por sua vez, um começo de velhice, foi tomando idéias. Um dia, foi até a margem do rio e clamou pelo pai. Por fim, este veio e o filho falou o que lheurgia: “Pai, o senhor está velho, já fez o seu tanto... Agora, o senhor vem, não carece mais... O senhor vem, e eu, agora mesmo, quando que seja, a ambas vontades, eu tomo o seu lugar, do senhor, na canoa!...” (ROSA, s/d, p. 36)

O pai ficou de pé na canoa e num gesto de concordância remou em direção ao filho, parecendo antes vir “da parte de além” (ROSA, s/d, p. 37). Apavorado com a aproximação e com o que ela significava, o filho fugiu correndo, sem coragem de tomar o lugar do pai. Notemos que, não tendo alcançado os objetivos da primeira metade da vida, ele não estava preparado para dar início à ordem da segunda. Embora no começo da velhice, encontrava-se por demais acorrentado à caverna, à margem terrena do rio, onde, de fato, passara o seu tempo sem construir uma vida. A idéia de tomar o lugar do pai resultou mais de uma obrigação filial, sentia que o pai “carecia” dele, do que de uma decisão interior de conhecer a si mesmo, de ascender das sombras da caverna para a luz do sol.

Daí o seu falimento. Frustrado, o filho permaneceu do lado de cá, junto ao que lhe era conhecido, lamentando-se: “e estou pedindo, pedindo, pedindo um perdão” (ROSA, s/d, p. 37). Sabe que agora é tarde, que não se preparou para substituir o pai e aceitar, como este, o mistério da vida e da morte. Cada um tem que viver a própria morte e, a princípio, ninguém nunca contou como é. Trata-se de travessia solitária que exige preparação. O filho conscientiza-se por fim de que tem muito medo de se sentar em uma canoa de um único assento, em uma jornada só de ida, rumo ao total desconhecido, para sozinho encontrar a morte. Como permitiria a si, por inteiro morrer, se de todo não viveu? Só morre o que vive, e só vive o que morre. É a consciência desta verdade que então o deprime: “Sou o que não foi” (ROSA, s/d, p. 37).

Do pai não se soube mais. O conto termina com o filho pedindo que, ao morrer, o “depositem também muna canoinha de nada, nessa água que não pára (...) - o rio” (ROSA, s/d, p. 37). Notemos então que, ao contrário do pai, sujeito ativo do próprio destino que, por sua vontade, foi ao encontro da morte, o filho terá um comportamento passivo. Não tendo se preparado para morrer, já que nem mesmo chegara a viver, ele é que será encontrado pela morte: pego de surpresa, só depois de morto será colocado na canoa dentro do rio.

## 5. Considerações finais

*Apenas na solidão pode-se descobrir que o diabo não existe.  
E isto significa o infinito da felicidade. Esta é a minha mística. (...)/  
Pois o diabo pode ser vencido simplesmente porque existe o homem,  
a travessia para a solidão, que equivale ao infinito.  
(ROSA, 2009a, p. 37)*

Eis então a leitura d’A Terceira Margem do Rio, de Guimarães Rosa, a partir do diálogo interdisciplinar entre Literatura, Religião e Filosofia. Esperamos ter conseguido estabelecer relações pertinentes entre o conto e as idéias platônicas expostas no Mito da Caverna, e assim explicitar o aspecto místico desta estória rosiana, que narra como o homem vence as suas sombras e realiza a travessia solitária para o iluminado infinito.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- MANZATTO, Antonio. Pequeno Panorama de Teologia e Literatura. In: MARIANI, C. B.; VILHENA, M. A. (orgs.). *Teologia e Literatura*. São Paulo: Paulinas, 2011.
- PLATÃO. *A República*. Rio de Janeiro: Ediouro, s/d.
- ROSA, Guimarães. *Primeiras Estórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, s/d.
- ROSA, Guimarães. *Ficção Completa*, vol. I. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009a.
- ROSA, Guimarães. *Ficção completa*, v. II. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2009b.
- ROSA, Guimarães. *João Guimarães Rosa: correspondência com seu tradutor italiano Edoardo Bizzarri*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003.
- SPERBER, Suzi. *Caos e Cosmos: leituras de Guimarães Rosa*. São Paulo: Duas Cidades, 1976.